



# O ENVELHECER PÓS-MODERNO À LUZ DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

AGING POST MODERN IN THE LIGHT OF SOCIO-HISTORICAL PSYCHOLOGY

Dieurien Soares Gonzaga<sup>1</sup>  
Rosana Figueiredo Vieira<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** O mundo está envelhecendo em um contexto de profundas transformações sociais, científicas, políticas. A essas transformações tem sido dado o nome de pós-modernidade, identificada principalmente pelas rápidas mudanças tecnológicas, pela sua fluidez, superficialidade das relações, desinstitucionalização da vida, instabilidade, etc. Essas características se sustentam em discursos como o da valorização exacerbada da juventude e da estética, do consumismo, individualismo, hedonismo. Entendendo que para a psicologia sócio-histórica, o homem é um ser ativo, histórico e social ele, portanto, é afetado pelo contexto em que está inserido. Nessa perspectiva, este estudo teve como objetivo investigar as implicações dos discursos da pós-modernidade no envelhecer, destacando o olhar da psicologia sócio-histórica sobre o fenômeno. A pesquisa é teórica e conta com um levantamento bibliográfico do tema. Revela-se que a contemporaneidade tem sido marcada por discursos ideológicos que se seguidos cegamente, colocam em risco a saúde dos sujeitos, impactando consideravelmente o seu envelhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pós-modernidade; Envelhecimento; Psicologia sócio-histórica;

**ABSTRACT:** The world is getting older. Not only in a context of deep social transformations but also in political and scientific transformations which have been called post modernity, identified mostly by the rapid technological changes, by its fluidity, it's superficial relations, deinstitutionalization of life, lack of stability, etc. Such characteristics are based on speeches of exacerbated appreciation of youth, aesthetics, consumerism, individualism and hedonism. Understanding that for socio-historical psychology, man is an active being, social and historical, therefore is affected by the context in which he is placed. In this perspective, this study, had as its main purpose, investigating the repercussions of the post modernity speeches in the long haul, highlighting the socio-historical psychological point of view of the phenomenon. The research is theoretical and counts as a bibliographic survey of the topic. Revealing that the period in which we live in is strongly impacted by ideological speeches that, if followed ignorantly, endanger the health of individuals, contributing to their aging.

**KEYWORDS:** Post modernity; Aging; Socio-historical psychological;

---

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo do estudo que originou esse trabalho foi entender quais contribuições a psicologia sócio-histórica pode trazer para compreender o fenômeno da pós-modernidade e as novas formas de envelhecer.

A transição demográfica é um dos maiores desafios atuais. As taxas de mortalidade juntamente com as taxas de natalidade diminuíram, segundo a OMS “em 2025, existirá um total de aproximadamente 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos. Até 2050 haverá dois bilhões” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005, p. 8). Isso significa dizer que está havendo um número de nascimentos abaixo do necessário para a reposição populacional.

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica, Graduada pela PUC Minas, Campus Betim, com ênfase em Processos de Subjetivação. dieurien.gonzaga@gmail.com

<sup>2</sup> Professora, Psicóloga, Especialista em Gerontologia e Mestre em Psicologia Social. rosanafv2005@yahoo.com.br

Consequentemente, o número pessoas acima de 60 anos vem aumentando e com ele, a necessidade de estudar os fatores implicados nesse processo.

Dado que a população de pessoas velhas tem aumentado e que esta situação acaba se tornando um problema social, principalmente em países ainda em desenvolvimento, este estudo procurou discutir como se dá o processo de envelhecimento na contemporaneidade. Ao perguntar quais mudanças têm ocorrido na maneira que as pessoas encaram a velhice atualmente, pretendeu-se entender essas mudanças do ponto de vista psicológico. Ao propor a discussão tive como objetivo entender quais eram as implicações dos discursos que rondam a pós-modernidade na subjetividade do sujeito que está envelhecendo.

Por isso, na primeira seção da monografia que originou esse artigo, discutiu-se as diferenças entre pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade e como a velhice era e é tratada em cada uma das fases. Foi possível entender como as mudanças nos costumes, nos comportamentos, nas relações, na política, na ciência, enfim, na sociedade de maneira geral, impactou e afetou a vida do velho. Entende-se também, como o status do velho veio sendo rebaixado e percebe-se o esforço constante para anular a velhice nos nossos dias. O velho que era valorizado por sua experiência, sua memória; o velho que era tratado com respeito e dignidade, agora tem visto seus valores sendo dissolvidos; a vida esvaziada de sentido; os seus fundamentos sendo fragmentados; a família se desintegrando; o sagrado sendo profanado, enfim, tudo que era estável para ele, se volatizando (BAUMAN 2001; DEBERT, 1999; NERI, 1991).

Foi visto também à importância que o capitalismo e a modernização tiveram na cronologização da vida, na divisão dos períodos: juventude e vida escolar; mundo adulto e trabalho; velhice e aposentadoria (DEBERT, 1999, p. 73). Bem como, a inegável diferença que *o fazer* tem sobre o significado subjetivo do que é ser velho e sobre a representação do velho para a sociedade. Pois o trabalho, como foi visto, é parte da identidade do sujeito e na perspectiva atual, envelhecer significa deixar de produzir e consumir bens, ou seja, não produzir significa deixar de ser visto como sujeito. Significa mudar o seu status. Então, encontram-se dificuldades, tanto do velho que se vê mergulhado em estigmas e preconceitos, em crise com a própria história e identidade. Quanto da sociedade que ora o enxerga como fardo a ser carregado pelos que estão em *idade produtiva*, ora reconhece que a aposentadoria é o tempo de encerrar uma carreira e que agora o velho poderia usufruir o seu tempo, fazendo o que bem entende.

Nessa investigação teórica, também foi constatado pelos autores lidos de que tem havido um esforço para retirar a imagem negativa vinculada ao envelhecimento, porém essa imagem tem sido trocada por uma do envelhecimento ativo, que muitas vezes, está ligada ao

capital e aparece sob a forma de produtos antirrugas, dietas antienvhecimento, atividades para retardar o envelhecer, planos de viagens e academias, etc.... Com essa ligação ao capital e com a mídia ditando os padrões a serem seguidos, essa velhice bem-sucedida se torna um tiro no pé, e surge como um imperativo que impede outros sujeitos de aceitarem o próprio processo de envelhecimento, acarretando em sofrimento psíquico. Além de fortalecer o fenômeno de reprivatização da velhice, exposto por Debert (1999).

Logo em seguida, foi visto como alguns discursos são ideológicos e prometem o que não conseguem cumprir: Prometem felicidade, satisfação e prazer pleno, eterna juventude e o corpo perfeito. Dão a ideia de que qualquer um pode obter essas coisas; mas colocam padrões ideais inalcançáveis, aumentando como consequência, as patologias narcísicas na clínica, os transtornos de imagem, a depressão, ansiedade.... Dão a ideia de que é possível viver sozinho e de que o sujeito não precisa de mais ninguém, ignorando o fato de que este é um ser social. Atribuindo toda responsabilidade a ele, aumentando em consequência a sensação de desamparo e solidão, de alguém que agora - pós-moderno- é livre, mas não sabe escolher e lidar com a própria liberdade. Dão também, a ideia de que você só se tornará um sujeito se comprar, e de que consumir traz felicidade e completude; aumentando conseqüentemente o número de pessoas frustradas e com tédio, porque não obtém a satisfação almejada depois que a compra é feita, então precisam fazer outra e o ciclo continua. Outra ideia que esses discursos dão é a de que não se pode sofrer ou sentir dor, então deve-se buscar sempre o prazer, que um dia você vai alcançá-lo plenamente; aumentando com isso o grau de insatisfação geral, implicando paradoxalmente, na incapacidade de sentir prazer. Esbarra-se também nas relações sociais e em sua fragmentação, pois se a relação com o outro é utilitarista e ele é reduzido a um objeto, tem-se em consequência o esfriamento dessas relações.

## **2 PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA E A PÓS-MODERNIDADE**

Pois bem, se pensamos em novas formas de envelhecer, novos modos de subjetivação, pode-se entender o posicionamento de Gonçalves (2007, p.68) de que “seja qual for à nova percepção de subjetividade ou sujeito, ela é produto histórico e expressa possibilidades contraditórias”. Não se pode fazer uma análise fidedigna da realidade pensando em um sujeito descontextualizado. Para tanto, é necessário compreender a base da psicologia sócio-histórica e os seus fundamentos, a partir de autores importantes na área. Não se pretende aqui, esgotar o estudo sobre psicologia sócio-histórica, sendo este, apenas um rápido esclarecimento para melhor compreensão do tema.

A psicologia sócio-histórica toma como base a psicologia histórico-cultural de Vygotsky. Segundo o autor, era necessário superar os modelos dicotômicos até então gerados pelas vertentes da psicologia. Para chegar a tal superação, era preciso que a psicologia admitisse as contradições e conflitos inerentes ao seu objeto de estudo, assumindo sua dialética. Bock (2007) expõe que a psicologia sócio-histórica “fundamenta-se no marxismo e adota o materialismo histórico e dialético como filosofia, teoria e método” (BOCK, 2007, p.17). Portanto, entende o sujeito como ativo, social e histórico. Gonçalves (2007) explica:

Em outras palavras, a Psicologia Sócio-Histórica parte das categorias trabalho e relações sociais para situar o homem na sua historicidade, entendendo que o Homem se constitui historicamente enquanto homem, por meio da transformação da natureza, em sociedade, para produção de sua existência. (GONÇALVES, 2007, p.38-39).

O homem modifica a realidade e é modificado por ela. O trabalho se torna então, um elemento estruturante e cheio de significado, que cria o homem e o insere socialmente. Luria, citado por Furtado (2007) compreende que a atividade humana é complexa e caracteriza-se pelo trabalho social, segundo o autor, este, mediante a divisão das funções, provoca e origina o surgimento de novas formas de comportamento.

Para a psicologia sócio-histórica, o sujeito precisa do outro para se construir, para formar a sua identidade. A convivência com outras pessoas influencia sua vida; e é na interação com o ambiente que o sujeito transforma e vai sendo transformado pelo meio. O contato faz com que o sujeito se desenvolva e se comunique através da linguagem. A propósito, para Lane (1989) o homem só se insere historicamente através da aquisição da linguagem, pois ela seria a condição básica para se comunicar, desenvolver as relações sociais e também sua individualidade. Lane coloca que:

A linguagem, enquanto produto histórico traz representações, significados e valores existentes em um grupo social, e como tal é veículo da ideologia do grupo; enquanto para o indivíduo é também condição necessária para o desenvolvimento de seu pensamento. (LANE, 1989, p. 41).

Dessa forma, para a autora, encontramos duas características na linguagem, tanto ela como código que foi produzido historicamente (portanto carrega consigo dados anteriores ao indivíduo, preexistentes a ele), quanto ela como meio de se inserir socialmente, se desenvolver; as palavras começarão a fazer sentido para esse sujeito pensante. Pode-se afirmar, que o sujeito nascido em tempos pós-modernos não escapa dessas representações, significados e valores do grupo social. Aos poucos a identidade do velho vai sendo forjada e este, vai apreendendo os sentidos existentes no grupo onde nasceu. Segundo a autora, “os significados pro-

duzidos historicamente pelo grupo social adquirem, no âmbito do indivíduo, um “sentido pessoal”, ou seja, a palavra se relaciona com a realidade, com a própria vida e com os motivos de cada indivíduo” (LANE, 1989, p. 34). A linguagem comunica ideias, sentimentos, sentidos, é um modo de manifestar de um grupo e o modo de alguém exprimir-se. Pensando dessa forma, os significados produzidos historicamente sobre o velho no grupo social, vão ser tomados com um sentido pessoal, portanto, se no grupo social o significado de velho é negativo, a tendência é o sujeito subjetivar negativamente a velhice, se o significado é positivo, a tendência é subjetivar positivamente a velhice.

A psicologia sócio-histórica toma a palavra como linguagem, e esta, como signo que media e evoca as funções superiores do indivíduo. Bock (2007) argumenta que atualmente a psicologia só poderá ser bem-sucedida no que se propõe a fazer, se considerar que o signo tem valor fundamental na produção de subjetividade do sujeito atual. Pois, segundo a autora, na contemporaneidade, sendo a informação a máquina dominadora, ela provoca um desemprego estrutural que faz com que o sujeito tenha que estar apto para trabalhar em diversas áreas e ter conhecimentos gerais. Os celulares, os computadores e tecnologias em geral, por exemplo, tornam-se instrumentos que mediam e conseqüentemente, criam-se signos que o sujeito contemporâneo precisa internalizar e apreender. Portanto, símbolos e signos são marcas importantes e fundamentais que tem conseqüências relevantes na subjetividade do homem atual (BOCK, 2007).

De acordo com Gonçalves (2007) a constituição da subjetividade se dá por meio das mediações sociais, para ela:

A linguagem é a que melhor representa a síntese entre objetividade e subjetividade, já que o signo é ao mesmo tempo produto social que designa a realidade objetiva, construção subjetiva compartilhada por diferentes indivíduos e construção individual que se dá através do processo de apropriação do significado social e atribuição de sentidos pessoais. (GONÇALVES, 2007, p. 126).

A partir daí pode-se pensar a atribuição de sentidos que as pessoas têm dado a velhice e ao envelhecimento. Apesar de geralmente a expectativa e os significados ligados a velhice pessoal serem positivas, quando se trata do olhar em geral da sociedade e da percepção do Outro sobre *o velho*; há uma predominância de atitudes negativas. E, como foi explorada, a apropriação é de um significado que foi produzido *socialmente*; o sujeito que é histórico, ativo e social, vai ao longo da vida subjetivando elementos da sociedade que nasceu. Dessa forma, traz consigo preconceitos, ideologias, significados, valores, histórias; construídos ao longo do ciclo vital.

Como se pode ver os discursos que rondam a pós-modernidade podem produzir nos sujeitos contemporâneos apatia, indiferença, tédio, depressão, egoísmo, imediatismo... Do ponto de vista dessa abordagem, segundo Gonçalves (2007), as concepções que a pós-modernidade produziu no sujeito e na subjetividade, são resultados das concepções desenvolvidas pela modernidade, que apesar de no princípio serem saudadas, depois se revelaram como risco de negação e descaracterização total do sujeito; pois, para a autora, este se volatilizaria (como foi exposto por Bauman (2001). Portanto, o resultado não tem sido aquele esperado pela modernidade, Gonçalves (2007) chama atenção para o fato de que:

Num mundo que valoriza o local, o específico, o individual, parece que todas as chances estão dadas para os sujeitos enquanto indivíduos. Entretanto, [o] que continua sendo observado é que, ou as individualidades não se realizam plenamente, ou a realização de individualidades não é suficiente para a felicidade e a emancipação humanas. (GONÇALVES, 2007, p. 68).

Gonçalves (2007) considera ainda, que as pessoas proclamam novos tempos, falando em *pós*, mas desconsideram que as diferentes concepções revelam contradições históricas da modernidade que ainda não foram superadas, apesar da declarada falência a todas as versões desse período. “Esse tratamento homogêneo a todas as ideias modernas traz o risco de se perder a possibilidade de afirmar concepções que evidenciam as contradições concretas e apontam para sua superação” (GONÇALVES, 2007, p. 54).

Os autores fazem uma crítica ao dizer que “a pós-modernidade, entretanto, reconhece, ratifica e naturaliza a diferença. Não no sentido progressista, mas em seu caráter inexorável” (GONÇALVES, 2007, p. 63). As mudanças na pós-modernidade não são transitórias, as diferenças são parte do caráter. Entender isso significa compreender, em outras palavras, que não temos caminhado para uma superação dos entraves do passado, mas para uma naturalização que engessa a diferença. Pode-se pensar que para os autores acima, na não-superação dos conflitos e contradições, a pós-modernidade acaba por reforçar discursos que no fim, têm caráter ideológico e dissolvem o sujeito.

Nessa linha da dissolução do sujeito, de acordo com a antropóloga Paula Sibília (2006) pode-se dizer que hoje vivemos numa “era na qual a visibilidade e o reconhecimento no olhar alheio são fundamentais na definição do que cada um é” (SIBÍLIA, 2006, p. 11), segundo a autora, é colocado sobre o sujeito a responsabilidade de fazer “uma boa *gestão de si* que envolva não apenas o indispensável autocontrole, mas também um bom conjunto de práticas bio-ascéticas”. Essas práticas bio-ascéticas dizem respeito a uma imposição no mundo atual a uma determinada lógica, de assujeitamento, na tentativa de fazer com que a pessoa se adeque

ao padrão vigente, nesse caso, ao corpo jovem perfeito. Dito de outra forma, o velho necessita ser visto e reconhecido para se definir, isso faz com que ele se sinta obrigado e responsável por fazer essa boa gestão de si, se envolvendo em uma série de atividades antienvelhecimento para se adequar. “Hoje, ser velho ou feio (ou gordo) parece ser uma falha; em síntese, é inadequado. E, portanto, é um problema grave a ser resolvido tecnicamente” (SIBÍLIA, 2006, p.178).

Essa colocação vai de encontro ao conceito de Debert (1999) de *reprivatização da ve-lhice*, que é um “processo em que [os] dramas se transformam em responsabilidades dos indivíduos que negligenciaram seus corpos e foram incapazes de se envolver em atividades motivadoras” (DEBERT, 1999 p. 72). O sujeito velho é envolto por uma sociedade que prega o envelhecimento ativo, mas prega como uma ordem, pois não há espaço para o indivíduo que escolhe não se envolver em atividades, exercícios, dietas antienvelhecimentos. O indivíduo se vê mergulhado numa sociedade que coloca cada vez mais em evidência a aparência correta, mas em contrapartida, o sujeito se encontra no que Sibília (2006, p.24) chama de “crise de interioridade subjetiva”, vejamos:

Hoje o corpo se apresenta como a grande âncora da subjetividade, no turbilhão de um capitalismo que exorbitou o consumo, [...] e no auge do individualismo propulsado pelas benesses da livre-escolha no mercado universal. Nesse ambiente confuso e mutante, é na superfície corporal onde cada um exhibe as suas verdades. Essa ênfase nas aparências corporais emerge como uma característica marcante da nossa época, e são imensas as implicações desse deslocamento do foco. Pois a crescente proeminência do aspecto físico complementa um outro fenômeno igualmente relevante no mundo atual: a crise da interioridade subjetiva. (SIBÍLIA, 2006, p. 24).

Baseado nos estudos da antropóloga pode-se dizer então, que temos um impasse: na medida em que se investe em uma imagem corporal ideal (corpo-jovem-perfeito), ocorre em contramão um desinvestimento nas questões da subjetividade. Em outras palavras valorizar muito o corpo, acaba implicando na desvalorização, desconsideração de outros aspectos importantes da vida (SIBÍLIA, 2006). Pode-se pensar que para a psicologia sócio-histórica há uma anulação da noção de sujeito, o assujeitamento provocado pelas práticas bio-ascéticas por si só já confirma isso. O que, já vai contra ao que a psicologia luta que é justamente o aparecimento de um sujeito autônomo, consciente, crítico da própria realidade, e em especial para a psicologia sócio-histórica, um sujeito que não é de todo, alienado. Um sujeito, que é expressão do momento em que se encontra, mas que também é capaz de produzir a partir dele. O psicólogo dentro da perspectiva sócio-histórica não trabalha com neutralidade e dentro da clínica trabalhará para que o sujeito tome consciência de seu lugar e se posicione, construindo

um projeto de vida que leve em consideração o contexto, a história, os valores que têm sido pregados na sociedade atual (BOCK, GONÇALVES, FURTADO, 2007).

Segundo Sibília (2006, p.24), se antes “o refúgio na intimidade distanciou os sujeitos da ação pública, para se extraviarem em suas pequenas delícias e frustrações privadas”, hoje “o corpo e sua superfície epidérmica assumem um papel primordial, pois é na própria imagem corporal que cada sujeito mostra a verdade sobre si” (SÍBILIA, 2006, p.24). De acordo com a autora, a todo o momento a mídia ensina como adquirir o corpo que é considerado bom, ao mesmo tempo em que também ensina as coisas que te afastam do ideal e o que você não deve fazer com o corpo. Ela coloca que:

O mero fato de *viver* (*ser* um corpo vivo, orgânico e material) já é uma enorme desvantagem nessa missão, pois quase tudo conduz à fatal deterioração física. [...] simplesmente estar no mundo enquanto o tempo transcorre e vai deixando suas abomináveis seqüelas na carne — tudo conduz, inexoravelmente, à degeneração. (SÍBILIA, 2006, p. 13).

Pela investigação teórica feita sobre os discursos e tendência pós-modernas, pode-se afirmar que as subjetividades atuais têm sido essencialmente narcisistas, individualistas e baseadas no imperativo do corpo perfeito. Colocar o corpo em primeiro plano impede, de acordo com a autora, o surgimento de outros desenvolvimentos e realizações:

Monopolizando todas as atenções no *cuidado de si* e limitando o leque das experiências individuais e coletivas. Consequentemente, essa dinâmica pode gerar a produção de subjetividades extremamente vulneráveis, escravizadas pelo próprio umbigo. Livres enfim das ancoras e tiranias do *eu interiorizado* da Modernidade, em vez de aproveitarmos essa valiosa oportunidade para enriquecer o campo do possível, os espaços ociosos liberados por todas essas pesadas referências costumam ser preenchidos por meras mercadorias descartáveis. (SIBÍLIA, 2006, p. 179).

Encontramos a frustração como consequência de uma sociedade que cada vez mais se importa com a aparência. Segundo Sibília (2006), para uma parcela de pessoas, não se adequar nesse padrão gera angústia. A autora fala ainda, que misturar essa insatisfação geral com a obsessão por essa imagem ideal, tem como consequências “a submissão compulsiva aos modelos ideais irradiados pela mídia, a estigmatização daqueles que se desviam desses mandatos e a proliferação de transtornos vinculados à imagem corporal” (SIBÍLIA, 2006, p. 36).

Somado a isso, temos então outro ponto, encontramos a ideia de que ‘não sou velho, eu fui envelhecido’, uma não-percepção em geral, do processo de envelhecimento que inevitavelmente atinge a todos. Aqui, apesar do trabalho não se fundamentar na psicanálise, faz-se necessário um adendo: baseado no livro “O sujeito não envelhece”, de Mucida (2006), entende-se que em uma análise só existe o sujeito do inconsciente, que é atemporal, portanto não



envelhece. Essa colocação é importante, pois a partir dela é possível entender o sujeito que não se percebe velho ou que não sentiu o processo de envelhecimento. Apesar de se ver no espelho, apesar do outro notar, ele não se identifica com a imagem vista. *Fui envelhecido* é a ideia de que foi algo de fora (da vida, do tempo, do outro) que o envelheceu. Segundo a psicanalista o sujeito vê a própria velhice a partir do olhar do outro, mas velho é sempre o outro, nunca eu (MUCIDA, 2006).

Se juntarmos então todas essas colocações, temos um sujeito tomado pela psicologia sócio-histórica como ativo, histórico e social, inserido na pós-modernidade, em meio a discursos de caráter ideológicos. Pode-se pensar, em suma, que esses discursos, colaboram para que ele se torne individualista-hedonista-consumista, numa cultura que o obriga a ser eternamente jovem e ter um corpo perfeito, portanto, esse sujeito pode não perceber o seu próprio envelhecimento como algo inerente e inevitável.

Se não percebe a velhice, também não percebe a morte. Segundo Elias (2001) a expectativa de vida ter aumentado é um dos fatores que distancia a morte nos dias atuais. Uma pessoa que viveu numa época onde a expectativa de vida era 40 anos tinha muito mais proximidade com a ideia de morte do que hoje que a expectativa de vida é 75 anos. De acordo com o autor, essa é uma das características da contemporaneidade: as pessoas esperam e buscam o adiamento da morte. É um alívio para essas pessoas, saber que a morte só chegará ao fim dos processos naturais e que estes, são cada vez mais controláveis. E ainda se tem outro fator perigoso quando o indivíduo não percebe o próprio envelhecimento como algo inevitável, que é a adoção de práticas maníacas para tentar resgatar uma juventude que já não existe.

Em vista disso, não manter uma proximidade com a velhice e não perceber o próprio envelhecimento como algo inerente é pernicioso; não se identificar com o próprio corpo-imagem, acarreta sofrimento psíquico. A luta contra a passagem do tempo é um processo interminável, infrutífero e ingrato. É preciso lidar com a velhice, com o ciclo da vida, com a morte, com as angústias e os próprios vazios, bem como elaborar os lutos decorrentes do envelhecimento. Negar a existência da velhice e da morte não faz com que elas desapareçam, antes afastam o sujeito das implicações de lidar com a realidade e a facticidade da vida.

Entretanto, as coisas não estão dadas, se até aqui o que se falou da pós-modernidade trouxe um ar de desesperança, há que se pontuar também as possibilidades de fazer diferente do que tem sido pregado. Já que psicologia sócio-histórica entende a velhice como produção histórica, é possível promover mudanças e transformação social. Pensamos então em luta e resistência, como forma de enfrentamento e oposição aos discursos da pós-modernidade, como resposta a esses ideais.

Dessa maneira, à guisa de conclusão, têm-se abaixo algumas possibilidades de luta contra cada um desses discursos, seja resistindo, seja enfrentando, mas de qualquer maneira, levando em consideração que a escolha do sujeito deve ser autêntica, livre e não alienada.

Pode-se pensar em resistir ao discurso do consumismo, nos relacionando com objetos materialmente carregados de memória e história. Quando damos valor ao objeto, a sua utilidade e a relação com ele, deixa de ser um mero consumo na perspectiva capitalista, onde só valeria o valor simbólico (status), depois rapidamente pode ser descartado. Além do que, objetos carregados de história trazem consigo a chance de fortalecimento da memória coletiva. É importante também, pelo que foi estudado, aprender a lidar com a própria falta, com a sensação de incompletude, incapacidade, incompetência, pois isso faz com que o indivíduo não seja comprado facilmente por uma propaganda e não seja fisgado pela ilusão de felicidade; juventude; beleza; segurança etc. Afinal, os bens materiais não suprem a necessidade de afeto, servindo também para o individualismo e hedonismo, pois os bens materiais consumidos são prazeres momentâneos que condicionam o sujeito a uma estagnação, levando o mesmo a inverter os papéis éticos entre coisa e ser. Resistir ao discurso do consumismo é também não objetificar as pessoas, é não usá-las como meios para alcançar um fim.

Enfrentar o discurso da valorização exacerbada da estética é possível aceitando a própria velhice e o processo de envelhecimento. E aceitar a própria velhice não quer dizer não se envolver em exercícios físicos, atividades para velhos, comer alimentos saudáveis etc., mas fazer o que se deseja consciente dos fatores envolvidos. É entender também que não é obrigado a se assujeitar, podendo, portanto, escolher aceitar suas rugas, os cabelos brancos, a idade, a diminuição do ritmo da vida, por fim, aceitar um corpo que é demasiadamente humano, “orgânico, carnal e imperfeito” (SIBÍLIA, 2006, p. 181).

Somado a isso, resistir contra o discurso da valorização exacerbada da juventude, pode ser feito entendendo o lugar e o valor daquilo que é velho, se atendo não as suas desvantagens, mas percebendo e colocando em evidência as suas vantagens. Lutando contra a ideia de que disposição, vigor, desejos, coragem, audácia, rapidez e outros, são necessariamente características de jovens. É sabido que essas características são de seres humanos e não especificamente de uma etapa da vida humana, denominada juventude. Nessa linha, é possível ser velho, disposto, rápido sem dizer que é um *jovem velho/ velho jovem* ou mesmo um *velho que se sente jovem*. Frases do tipo, apenas reforçam o estereótipo negativo a respeito do velho. Resistir a esse discurso também é não se deixar levar pelas práticas maníacas dispostas no mundo que visam preservar a juventude ou o corpo jovem. Entender que o velho tem valor, que

ser velho é um outro modo de ser, diferente apenas, não menos importante, e que a juventude não é um fim, valor supremo a ser alcançada.

Pode-se resistir ao discurso do individualismo contemporâneo fazendo e fortalecendo os laços sociais. Olhando para além, sem ser escravizado pelo próprio umbigo, como encontramos no dizer de Sibília (2006). Resistir a esse discurso é também entender que a ideia de que você encontrará dentro de você todas as ferramentas necessárias ao aperfeiçoamento da vida – como dito por Bauman (2001) – é ideológico, bem como, as ideias de que você não precisa de ninguém.

Lutar contra o hedonismo contemporâneo não deixando de sentir prazer, mas entendendo que ele não é o fim. Que as coisas não são imediatas, nem sempre acontecem na hora. Entendendo que existe um outro e que relações são feitas de troca. Utilizando a felicidade sensorial e sentimental contra o excesso do culto ao corpo. Resistir é também entender que o imperativo do você deve ser feliz, deve estar bem, não deve sofrer, é uma falácia, e acaba retirando mais uma vez do indivíduo características que o tornam humano. Chorar, se angustiar, sofrer, perder, coisas que na busca pelo ideal acabam sendo tidas como falhas a serem corrigidas, são formas também de responder a esses discursos, pois humanizam. Conversar e refletir sobre a morte e o morrer, aspecto importante, que ajuda o sujeito não só a confrontar a própria morte, mas também a elaborar lutos, a se desenvolver pessoalmente e o ensina a viver. Conversar sobre a morte, é também resistir a esses discursos, é entender que os avanços tecnológicos não foram suficientes para eternizar a vida e que é necessário lidar e encarar a própria finitude.

Finalizando, Chauí em 1979, ao fazer a apresentação para o livro de Bosi (2007) sobre Memória de velhos, fala que a autora pergunta *Que é ser velho?* E encontra a resposta no livro: “ser velho é lutar para continuar a ser homem” (BOSI, 1994, p.18). Nota-se que ainda há uma luta para que um sujeito possa permanecer sujeito mesmo na velhice. Apesar de todos os contras, resistir a esses discursos é não servir ao capital. Não ser usado para a manutenção do status quo. É ter uma perspectiva crítica, como a psicologia sócio-histórica tem nos alertado.

### 3 CONCLUSÃO

Dessa forma, pôde-se notar que a psicologia sócio-histórica tem percebido e discutido o caráter ideológico da pós-modernidade, afirmando que os entraves do passado ainda não foram superados. Envelhecer rodeado por esses discursos é correr o risco de se pegar se submetendo a eles, é também correr o risco de estigmatizar outras pessoas se estas não estiverem

nos padrões e por fim, correr o risco de adoecer. Também se pôde refletir sobre as formas de enfrentamento a esses discursos (BOCK, FURTADO, GONÇALVES, 2007; LANE, 1989).

É necessário destacar que o tema *pós-modernidade e velhice*, é extremamente amplo e que não era pretensão do estudo analisar profundamente o fenômeno, mas sim, trazer à tona algumas de suas características para relacioná-las. Por isso o recorte feito visou trazer autores que falam da velhice e autores que falam da pós-modernidade, para que fosse possível estabelecer uma relação entre o que tem acontecido na contemporaneidade e as consequências disso na subjetividade do velho.

Há de se salientar também, que o intuito de se trazer as colocações sobre as lutas e tendências, foi para se colocar em evidência, possibilidades para resistir e enfrentar discursos que acabam se tornando adoecedores. E não apresentam afirmações de cunho moral, antes dizem de um entendimento pela singularidade de cada sujeito e o respeito pela forma que cada um vai escolher viver a sua velhice. Afinal, sabemos que no fim, não falamos de uma velhice apenas, mas de velhices.

Dito isso, percebemos a importância e relevância do tema para a ciência psicológica. Principalmente a partir da constatação de que estas pessoas, cada vez mais adoecidas procuram ou são encaminhadas para a clínica psicológica. É papel do psicólogo como agente de transformação da sociedade, não agir com a suposta neutralidade, mas contribuir ativamente para que haja saúde, mesmo que essa ação seja encarada como subversiva. Conclui-se dizendo que as novas formas de envelhecer devem ser atualizadas e que é preciso ruptura e resistência para enfrentar a liquidez do mundo atual. É preciso problematizar para transformar a sociedade, pois como foi estudado e notado, semelhante a luta das mulheres, dos negros, dos índios, o movimento do velho é sempre de luta para continuar sendo sujeito, mesmo na velhice. A propósito, movimento, é um aspecto importante para a sócio-histórica, o ser humano é ativo e por isso, a relação com a realidade é sempre dialética. As contradições, os conflitos, de maneira alguma servem para nos estagnar, antes nos colocam em atividade, em movimento (LANE, 1989).

Por fim, no percorrer do estudo, outras perguntas foram sendo geradas. Seria importante discutir quais outros sofrimentos psíquicos têm sido gerados, quais são essas novas patologias clínicas? As pesquisas encontradas sobre envelhecimento já não abarcam as novas gerações, as suas percepções, seus significados e as representações sociais dos mais novos sobre a velhice. É necessário então que haja um estudo mais aprofundado do tema, e quem sabe, uma pesquisa que atualize, por exemplo, a de Neri (1991) sobre os significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Se antes se pesquisava sobre o “Envelhecer num país

de jovens” (NERI, 1991), hoje esse cenário mudou, as próximas pesquisas provavelmente serão sobre *Envelhecer num país de velhos*.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 258p.
- BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, Odair. (Org). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007. 228p.
- BOCK, A. M. B. A psicologia sócio-histórica, uma perspectiva crítica em psicologia. In:
- BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, Odair. (Org). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007. p. 15-35
- CHAUÍ, Marilena. Apresentação: Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 15ª ed., São Paulo, Cia das Letras, 1994, p.17-33
- DEBERT, Guita Grin. **Velhice e o curso da vida pós-moderno**. Revista USP, São Paulo, n.42, p. 70-83, junho/agosto, 1999. p.111-222
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de “Envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001, 107p.
- FURTADO, O. O psiquismo e a subjetividade social. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, Odair. (Org). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007. p. 75-93
- GONÇALVES, M. G. M. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, Odair. (Org). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.p. 37-52
- GONÇALVES, M. G. M. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós-moderno. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, Odair. (Org). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.p. 53-73
- GONÇALVES, M. G. M. A Fundamentos metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, Odair. (Org). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectivacrítica em psicologia**. 3 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007. p. 113-127
- LANE, S. T. M. A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderlei. (Org.) **Psicologia social: o homem em movimento**. 8 ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1989. p.10-19.

LANE, S. T. M. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderlei. (Org.) **Psicologia social: o homem em movimento**. 8 ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1989. p. 32-39.

LANE, S. T. M. Consciência/ alienação: a ideologia no nível individual. In: LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderlei. (Org.) **Psicologia social: o homem em movimento**. 8 ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1989. p. 40-47.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 230 p.

NERI, Anita Liberalesso. **Envelhecer num país de jovens: significado de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

SIBÍLIA, Maria Paula. **O pavor da carne: Riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo**. 2006. 198 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Área de concentração em Ciências Humanas e Saúde, Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.: il. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf) acessos em 21 mar. 2017